



INFORMATIVO



O TUIUTI

**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do Brasil na I
GM**

ANO 2017

Julho

Nº 224

Um olhar sobre a guerra de Clausewitz: por que ela não é a continuação da política por outros meios?

Rayanne Gabrielle da Silva ()*

A guerra, como fenômeno presente em toda a história humana, veio a ganhar a designação de ser a continuação da política por outros meios no século XIX, quando o general prussiano Carl von Clausewitz resolveu estudar e compilar num volume inacabado – Da Guerra – uma verdadeira teoria da guerra e de desenvolvimento estratégico dos conflitos, baseado em suas experiências nos campos de batalha e na política.

Contudo, é necessário lembrar que a guerra surgiu muito antes do que se convencionou chamar de política, esta última com indícios conceituais remontando a Grécia Antiga.

Entre os vários exemplos da guerra anterior a política estão os conflitos durante a Pré-História, cada vez mais estudados conforme encontrados novos indícios arqueológicos, as querelas brutais entre índios americanos e entre índios das ilhas e territórios do continente oceânico, e as expansões promovidas por reinos e impérios nascentes na África e no Oriente Médio, todos estes eventos ocorridos na Antiguidade.

São três os motivos que aqui serão desenvolvidos para explicar a discordância da famosa máxima do general prussiano¹.

Antes, é preciso entender o conceito de guerra, que pode ser vista como o impasse extremo resultante de vontades, ideias e conceitos divergentes não-realizáveis por indivíduos ou entidades, com predominância do uso da violência e da força.

Para tanto, os beligerantes envolvidos utilizam-se de diferentes meios, técnicas e experimentações de novas tecnologias, que podem ou não resultar em avanços posteriores à promoção social e científica durante os tempos de paz.

Wright (1988, p. 3) diz que, em sentido mais amplo, “[...] a guerra é um contacto violento de entidades distintas mas semelhantes”, enquanto Aron (2002, p. 448) vê a guerra

¹ “A guerra é a simples continuação da política por outros meios.”

como um fenômeno social do qual resulta um choque de forças e de condutas organizadas entre “equipes”, implicando a existência da sociedade sem, portanto, existir sem ela.

Ao longo da história, o conceito tomou aspectos diversos, sendo um elemento constituinte da cultura de um povo; um instrumento eficaz de conquista, expansão e afirmação territorial de uma sociedade sobre outra; um meio de alcançar objetivos religiosos ou sociais; uma imposição do terror através da ameaça de uso de armas altamente destrutivas.

O primeiro motivo para discordar do proposto por Clausewitz é que se a guerra surgiu antes da política, a máxima do general se anula.

A guerra, em seus primórdios, deve ser analisada sob o aspecto cultural das sociedades ainda em formação. As batalhas travadas jamais poderiam ser subordinadas ao espectro político porque inexistia o conceito de política para explicar o que se passava na época.

Como bem afirma Keegan (2006),

“[...] a guerra abarca muito mais que a política, que é sempre uma expressão da cultura, com frequência um determinante de formas culturais e, em algumas sociedades, é a própria cultura”,

podendo “[...] ser, entre muitas outras coisas, a perpetuação de uma cultura por intermédio de seus próprios meios.”

A História Militar é conhecida como a primeira forma de história escrita pelo homem porque o fenômeno da guerra era recorrente nas sociedades antigas e bastante descrita, diferentemente de outros aspectos e domínios históricos hoje explorados, não se aplicando o viés político para explicar porque ela ocorre ou de quê ela seria derivada.

O segundo motivo de discordância está no próprio contexto histórico no qual a máxima de Clausewitz foi criada, pois ela não se aplicaria a outros contextos históricos anteriores nos quais houve guerras.

Os conceitos de Estado, soberania, nacionalismo e poder político passaram a ser criados e desenvolvidos como conhecemos hoje muito recentemente e aproveitados pelo general para embasar sua teoria da guerra, conceitos estes inexistentes em alguns dos períodos históricos anteriores ao vivenciado pelo autor.

Clausewitz se baseou nas políticas e nos conflitos conduzidos em sua época e analisou os movimentos e resultados deles para compreender o fenômeno da guerra em seu tempo, desconsiderando os aspectos singulares de conflitos passados sobre os quais a máxima não poderia contemplar.

O terceiro e último motivo de discordância termina de complementar os dois anteriores.

Ao analisar a frase de Clausewitz, dá-se a entender que a guerra é utilizada como último recurso da política quando esta falha, tornando a máxima por demais reducionista.

Aron (2002, p. 233) foi mais ousado ao inverter a máxima, afirmando que:

“a política passa a ser a continuação da guerra por outros meios”,

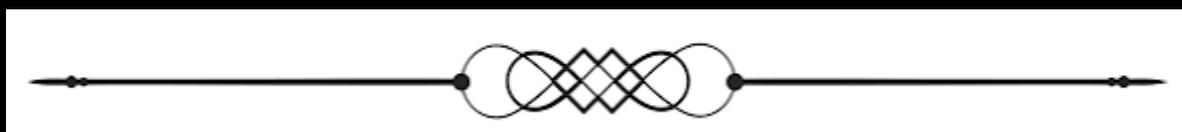
ressaltando que a humanidade vive em constante estado de conflito, remediado por momentos de “paz armada” negociadas através da política. Esta se encontra “[...] tão no centro da nossa civilização que seu significado se modifica a cada mudança cultural e de circunstância” (MINOGUE, 1998, p. 11), tal como ocorre ao conceito de guerra, devendo ser analisada conforme o contexto histórico ao qual se aplica e de acordo com as intenções de quem a domina e a conduz. Portanto, a guerra torna-se uma resposta ao momento político em crise, mas não necessariamente seu último recurso.

A diplomacia, quando bem empregada, substitui o uso das armas e consegue transformar as oscilações sociais entre sociedades e entidades em diálogo, promovendo a paz, ainda que não ideal.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Brasília: Ed. UnB, IPRI, 2002. 936 p. (Clássicos IPRI, 4)
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KEEGAN, Jonh. A guerra na história da humanidade. In: _____. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Versão Digital.
- MINOGUE, Kenneth. **Política**: uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- WRIGHT, Quincy. **A Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988. (Col. General Benício, v. 260)

(*) Pós-graduanda em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e técnica em Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Já foi estagiária em História do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte (TRE-RN), bolsista do Projeto de Pesquisa de Implantação do Memorial do Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Norte pela UFRN/FUNPEC/MPT-RN e bolsista do Projeto de Pesquisa do Memorial do Projeto Nacional do Livro Didático (PNLD)/Arquivo da Arquidiocese de Natal-RN pela UFRN/SESU/MEC.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis

lecaminha@gmail.com

AHIMTB/RS

Nossos sites:

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br

E o site do Núcleo de Assuntos Estratégicos do Comando Militar do Sul:

www.nee.cms.eb.mil.br



“Comando é a capacidade de fazer executar ordem através da hierarquia. Liderança é a capacidade de formar opiniões através da persuasão”.

Roberto Campos

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

- Comandar é prever -